

## O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano: relato de um projeto para salvaguarda

### The archeological collection of the Sorocaba Historical Museum: report of a project to safeguard

Larissa Girardi Losada<sup>1</sup>  
David Lugli Turtera Pereira<sup>2</sup>

DOI 10.26512/museologia.v12i24.49383

#### Resumo

O artigo em tela objetiva relatar o processo e os resultados obtidos por meio do projeto “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano”, contemplado pelo Programa de Ação Cultural São Paulo (PROAC) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, edital nº 28/2021 voltado a “Museus e Acervos / Reforma, Ampliação e Modernização”. Trata-se de uma experiência de parceria entre uma empresa de arqueologia, equipe técnica interdisciplinar de colaboradores e o Museu Histórico Sorocabano, com o objetivo de salvaguardar o acervo arqueológico sob a guarda da instituição. As ações contemplaram: pesquisa, inventário e tratamento técnico de coleções formadas a partir de achados fortuitos, trocas e doações; reorganização espacial dos materiais provenientes de endossos institucionais; modernização e adequação das formas de acondicionamento e da reserva técnica; e criação de laboratório. O projeto permitiu reconhecer vestígios arqueológicos que foram relegados ao esquecimento durante décadas e que, uma vez salvaguardados, tornaram-se passíveis de pesquisa e socialização.

#### Palavras-chave

Musealização da Arqueologia; acervo arqueológico; Programa de Ação Cultural São Paulo; Museu Histórico Sorocabano; Sorocaba – SP.

#### Abstract

The article presents process and results obtained through the project O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano (The Archaeological Heritage of the Sorocaba Historical Museum), which was contemplated by the Department of Culture and Creative Economy of the State of São Paulo, specifically through the Programa de Ação Cultural São Paulo (São Paulo Cultural Action Program), in an award aimed at “Museums and Collections / Reform, Expansion and Modernization”, dated 2021. It is an experience that associated an archeology company, with an interdisciplinary technical team, and the Sorocaba Historical Museum, with the objective of safeguarding the archaeological collection under the care of the institution. The actions included: research; inventory and technical treatment of archaeological collections formed from fortuitous finds, exchanges and donations; spatial reorganization; modernization and adaptation of its storage space. Thus, allowing the archaeological remains, relegated to invisibility for decades, to be rediscovered - being, from then on, subject to research and socialization.

#### Keywords

Archeology's Musealization; Archeological collection; Sorocaba Historical Museum; Sorocaba – SP.

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus - USP), sob orientação da Profa. Titular Maria Cristina O. Bruno. Arquiteta e urbanista (FCT-UNESP) e Historiadora (UNISO). Atuante em projetos voltados à salvaguarda e socialização do patrimônio cultural. Contato: larissagirardi-losada@usp.br

2 Graduação em Geografia (FCT-UNESP), Mestrado em arqueologia (MAE-USP) e Doutorado em arqueologia (MAE-USP). Arqueólogo autônomo e proponente de projetos sobre o patrimônio arqueológico e museológico. Contato: davidlugli12@yahoo.com.br

## Introdução

Os acervos arqueológicos apresentam desafios significativos no âmbito de sua salvaguarda e comunicação, principalmente quando consideramos o histórico que os relegou ao abandono e as novas camadas de problemas trazidas pelas pesquisas realizadas no âmbito do licenciamento ambiental. Ao mesmo tempo, tais acervos – e não só eles – vêm sendo refletidos, à luz da diversidade de apropriações e ressignificações culturais possíveis, e questionados em sua potencialidade de suscitar memórias contra-hegemônicas e multivocais (BRUNO, 1995, 2020b; WICHERS, 2012, 2014).

Esses temas são caros ao conceito de Musealização da Arqueologia, que toma como princípio investigações e proposições em torno da forma como a sociedade, a partir dos vestígios arqueológicos de diferentes territórios, estabelece com o passado interlocuções capazes de gerar inferências, vínculos, identificações e participações. Tal conceito, vinculado às “estreitas reciprocidades entre as instituições museológicas e os vestígios arqueológicos ao longo dos tempos” (BRUNO, 2014: 7), compreende um enquadramento de olhar, no caso, museológico, e formas de tratamento específicas “dos indicadores materiais e imateriais dos repertórios de memórias, com o compromisso de viabilizá-los como vetores de herança cultural, para muito além das coleções que embasam a experiência dos museus ao longo dos séculos” (BRUNO, 2020b: 21).

Sabe-se que, enquanto indicadores de memórias, os vestígios arqueológicos possuem potencial de permitir que vínculos e inferências sejam criados, a partir de sua aproximação com a sociedade contemporânea – sendo o museu um dos lugares onde isso é possível (BRUNO, 2014). Para tanto, entende-se que as ações de salvaguarda desses acervos são subsidiárias para suas subsequentes e possíveis socializações, como no caso em tela.

Partindo dessa premissa, este artigo objetiva relatar a experiência de um projeto para salvaguarda do acervo arqueológico sob guarda do Museu Histórico Sorocabano (MHS) (Figura 1) – instituição museológica localizada no município de Sorocaba<sup>3</sup>, interior do estado de São Paulo.

Figura 1 – Fachada principal do “Casarão do Quinzinho de Barros”, atual sede do Museu Histórico Sorocabano.



Fonte: Larissa Losada (2020)

<sup>3</sup> A cidade de Sorocaba – SP dista aproximadamente 96 quilômetros da capital paulista. Configura-se como uma cidade média de cerca de 700 mil habitantes. Possui uma Região Metropolitana da qual fazem parte 27 municípios que, somados, possuem cerca de 2 milhões de habitantes (IBGE, 2021).

Trata-se de um museu público, gerido pela Secretaria da Cultura de Sorocaba, que passa por problemas comuns à maioria dos museus do Brasil (e outras organizações destinadas à preservação do patrimônio cultural): corpo técnico reduzido, falta de investimentos, carência de manutenção, precarização dos espaços de guarda, alteração de prioridades políticas, entre outros.

Cabe mencionar que o Museu Histórico Sorocabano possui – desde a sua idealização – uma trajetória entremeada pela perpetuação de memórias forjadas para serem hegemônicas em âmbito regional. Não por acaso, a instituição foi oficialmente fundada durante a comemoração do Terceiro Centenário de Sorocaba, em 1954, num processo análogo à comemoração do Quarto Centenário da cidade de São Paulo, realizada no mesmo ano. Em ambos os casos, os bandeirantes são exaltados enquanto uma “raça de gigantes” (CAVALHEIRO, 2017), ao passo que a ancestralidade de outros grupos sociais na ocupação do território é relegada à condição de subalternidade. Tal condição se refletiu também na formação das coleções e no tratamento dado aos vestígios da cultura material desses grupos.

São relações, portanto, que ocorrem em territórios patrimoniais, que à luz da Musealização da Arqueologia abrangem a realidade arqueológica – considerando, para isso, seus perfis históricos e geo-socioculturais (TOLEDO, 2014; WICHERS, 2011). De acordo com Camila Wichers (2011), a realidade arqueológica de um determinado território seria composta por:

- Coleções herdadas do passado, de trabalhos desenvolvidos anteriormente por pesquisadores, de estudos efetuados pelos denominados arqueólogos ‘amadores’ ou de coletas realizadas pelos membros da comunidade;
- Coleções e acervos gerados na contemporaneidade, no âmbito da pesquisa arqueológica, os quais crescem exponencialmente, conforme mencionado e por
- Sítios arqueológicos passíveis de musealização (WICHERS, 2011: 35).

A autora também destaca que as narrativas a respeito dos vestígios são “constituintes das identidades e construtoras da memória social, [...] matérias primas fundamentais da Musealização da Arqueologia” (WICHERS, 2011: 36).

Em face dessa caracterização, a experiência em tela neste artigo – que relata as ações realizadas no âmbito do projeto “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano” – volta-se, principalmente, para a pesquisa e o tratamento das coleções herdadas do passado, provenientes de achados fortuitos da região, trocas e doações – as quais permaneceram durante décadas em situação precarizada nos espaços de guarda.

Porém, não se deixou de considerar as problemáticas envolvidas nos acervos gerados na contemporaneidade – que no caso do Museu Histórico Sorocabano, são, em sua maioria, provenientes de outros estados do Brasil – e a existência de sítios arqueológicos passíveis de musealização que, a partir da pesquisa sobre as coleções existentes, principalmente no contexto regional, podem ser acessados.

O projeto em questão surgiu a partir da parceria entre uma empresa de arqueologia, equipe<sup>4</sup> técnica interdisciplinar de parceiros e o Museu Histórico

4 Ficha técnica do projeto: David Lugli Turtera Pereira (Arqueólogo e Coordenador); Daniella Gomes  
ISSN 2238-5436

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

rico Sorocabano (arqueólogo, arquitetas, historiadores e museóloga). Assim, foi possível pleitear recursos, a partir de uma concorrência de projetos culturais, realizada pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, especificamente por meio do Edital do Programa de Ação Cultural São Paulo (PROAC) voltado a “Museus e Acervos / Reforma, Ampliação e Modernização”, de nº 28/2021<sup>5</sup>. Trata-se de um projeto que foi executado no período de um ano, com início em janeiro de 2022 e término em fevereiro de 2023.

Suas ações contemplaram: pesquisa, inventário e tratamento técnico de coleções formadas a partir de achados fortuitos, trocas e doações; reorganização espacial dos materiais provenientes de endossos institucionais; modernização e adequação das formas de acondicionamento e da reserva técnica; e criação de laboratório.

Procurou-se no curso desse projeto reverter o processo de desarticulação dos bens arqueológicos na esfera de sua salvaguarda, evitando que permanecessem precarizados por conta de sua guarda em estrutura inadequada – abarrotados, amontoados, impedidos de fruir, de produzir e reproduzir as relações históricas e sociais. Tais ações propiciaram que os vestígios arqueológicos, principalmente aqueles provenientes de achados fortuitos da região e de doações, fossem retirados das condições de invisibilidade na qual estiveram ao longo de décadas – levando-nos a redescobri-los. Neste artigo apresentaremos parte desse acervo redescoberto.

### **Historicidade do acervo arqueológico sob guarda do Museu Histórico Sorocabano**

De forma geral, sabe-se que as coleções arqueológicas do Museu Histórico Sorocabano foram formadas principalmente por doações, achados fortuitos e trocas. Nota-se a atuação institucional, principalmente em suas primeiras décadas, entre 1950 e 1970, como um receptáculo de artefatos diversos – provenientes da região em questão, mas também de outras localidades – semelhante a um gabinete de curiosidades, conforme outros museus que lhe eram contemporâneos.

A maior parte das doações foi realizada por munícipes, mas também existiram museus doadores, como o Museu Paulista e o Museu Municipal de Iguape. Além disso, observa-se relações de troca com outras instituições em diversas localidades do estado de São Paulo e do Brasil.

Destaca-se, ainda, que o acervo arqueológico de procedência regional teve sua formação a partir de doações majoritariamente associadas ao espraiamento da malha urbana de Sorocaba e outras cidades da região. De acordo com Bernardo (1998: 118), principalmente nos anos de 1970 e 1980, uma série de achados arqueológicos fortuitos “surpreenderam a população por ser um tema praticamente desconhecido, resultando na destruição parcial ou total de sítios arqueológicos pelos moradores locais”. A despeito disso, parte do que foi fortuitamente encontrado ao longo dos anos (líticos, cerâmicas e remanescentes humanos) teve como destinação o Museu Histórico Sorocabano e seus espaços de guarda.

---

Moreira (Museóloga - Prefeitura de Sorocaba); Larissa Girardi Losada (Produção, pesquisa e apoio); Maria Aparecida Frizarin Cipriano (Curadoria); Mateus Lopes Teixeira (Pesquisador voluntário de remanescentes humanos) e Maria Eduarda Scatena Brançam (Voluntária de apoio organizacional).

5 Etapas e resultados do edital disponíveis em: [https://proac.sp.gov.br/editais\\_resultados/edital-proac-no-282021-museus-e-acervos-reforma-ampliacao-modernizacao/](https://proac.sp.gov.br/editais_resultados/edital-proac-no-282021-museus-e-acervos-reforma-ampliacao-modernizacao/). Acesso em: 5 out. 2023.

A primeira pesquisa voltada para inventariação do acervo arqueológico do museu se deu por meio de um projeto intitulado “Gêneses Sorocabana”, coordenado pelo então estudante de arqueologia Wanderson Esquerdo Bernardo em parceria com o Museu Histórico Sorocabano. Tal projeto, realizado entre os anos de 1995 e 1998, conseguiu contabilizar e estudar uma pequena parcela do acervo, especificamente artefatos cerâmicos, além de identificar alguns sítios arqueológicos na região de Sorocaba. O coordenador do projeto identificou 13 sítios<sup>6</sup> na região, em uma área de aproximadamente 350 km<sup>2</sup>, e descreveu suas urnas funerárias relacionadas. Considera-se que os sítios identificados foram subsidiários para a organização das coleções regionais, uma vez que elas passaram a seguir tal divisão, em 13 partes. Por motivos desconhecidos, tal projeto foi finalizado antes dos anos 2000.

Salienta-se que esses sítios arqueológicos detectados e estudados por Wanderson E. Bernardo não foram registrados no sistema de cadastramento de sítios, por meio da Ficha de Registro do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA, vinculado ao Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico – GPA (CNSA / GPA /IPHAN). Assim, apesar de existirem acervos oriundos desses estudos, os sítios não possuem uma certidão de nascimento dentro do padrão nacional de identificação dos sítios<sup>7</sup> (CAMPOS, 2018).

Além disso, pesquisas realizadas no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA/CNA<sup>8</sup>, bem como no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG/IPHAN)<sup>9</sup>, não retornaram resultado algum para sítios cadastrados especificamente no município de Sorocaba.

Em suma, a partir do “Gêneses Sorocabana”, alguns artefatos, principalmente as urnas funerárias consideradas íntegras e líticos não fragmentados, tanto polidos quanto lascados (como mãos de pilão e pontas de projéteis), foram incorporados à exposição de longa duração do museu. Contudo, a maior parte dos materiais arqueológicos permaneceu institucionalizada, mas carecendo de ações contínuas para salvaguarda e comunicação – sendo o acervo arqueológico alvo de ações mínimas para a sua “sobrevivência”. Boa parte desse acervo encontrava-se em situação precarizada na Reserva Técnica e em outros espaços<sup>10</sup> da Secretaria da Cultura de Sorocaba, até o início de 2022, momento em que o projeto em tela teve início.

Cumprir destacar que parte do acervo arqueológico é também formada por coleções recebidas a partir da emissão de endossos institucionais, sendo estes provenientes de diversas<sup>11</sup> localidades do Brasil. O Museu Histórico So-

6 Vale mencionar que a maior parte dos sítios identificados não possui localização precisa. São normalmente associados a nomes de bairros ou de cidades da região. São sítios denominados, de acordo com Wanderson Esquerdo Bernardo (1998), como Cercado; Araçoiaba; Caguassu; Corumbá; Porto; Éden; Saraipuí; Ipanema; Cerrado; Laranjeiras; Mineirão; São Bento e Iperó.

7 Pondera-se que estudos de delimitação e cadastramento dos sítios arqueológicos mencionados por Wanderson Esquerdo Bernardo (1998) devem ser implementados no município de Sorocaba, para que haja o devido registro e salvaguarda desses bens, como preconizado pela Constituição Brasileira e pela Lei n° 3.924/61.

8 Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa\\_resultado.php](http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php). Acesso em: 5 out. 2023.

9 Disponível em: <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/login>. Acesso em: 5 out. 2023.

10 Foi encontrado acervo arqueológico em diversos locais (além da Reserva Técnica): Biblioteca Infantil Municipal, Teatro Municipal Teotônio Vilela, Museu Histórico e Pedagógico de Brigadeiro Tobias. Não se tem informações sobre os motivos da divisão do acervo.

11 Os endossos foram emitidos antes da Instrução Normativa do IPHAN – 001/2015, que diz: “Art.52°. Os bens arqueológicos oriundos de Projetos ou Programas previstos na presente Instrução Normativa deverão permanecer sob a guarda definitiva de Instituição de Guarda e Pesquisa localizada na unidade federa-

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

rocabano é um dos poucos museus da região que possui autorização do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para recebimento de coleções arqueológicas, as quais são quase integralmente oriundas da chamada “arqueologia de contrato”<sup>12</sup>. Tais coleções, por estarem já inventariadas e documentadas, além de acondicionadas em caixas, foram apenas reorganizadas na Reserva Técnica.

Em síntese, foram institucionalizados diversos artefatos arqueológicos – muitos provenientes da cultura material regional e tantos outros de localidades distintas do Brasil –, por caminhos, por vezes, ainda desconhecidos.

### **O acervo arqueológico sob guarda do Museu Histórico Sorocabano: pesquisa, organização curatorial e documentação**

Este tópico objetiva apresentar os procedimentos adotados no âmbito do projeto “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano”, quanto à atualização do inventário e ao tratamento técnico do acervo arqueológico sob guarda desse museu.

Descrevemos as ações relacionadas às etapas de: pesquisa, inventário (documentação) e tratamento técnico de coleções (higienização, inventário, marcação, acondicionamento, armazenamento e etiquetagem), além da elaboração de um banco de dados, como uma primeira sistematização sobre o acervo existente.

Em linhas gerais, na Reserva Técnica dos Museus da Secretaria da Cultura de Sorocaba, encontra-se a maior parte do acervo arqueológico alvo desse projeto que é composto por dezenas de coleções<sup>13</sup> e por milhares de bens arqueológicos<sup>14</sup>.

Trata-se de um acervo oriundo, conforme já citado, de doações e trocas institucionais<sup>15</sup>, além de achados fortuitos que desencadearam escavações arqueológicas amadoras realizadas na cidade de Sorocaba-SP e região (Araçoiaba da Serra, Sarapuí, Capela do Alto, Porto Feliz, Iperó, entre outras). Dessa maneira foram institucionalizados: urnas funerárias íntegras, vasilhas cerâmicas, fragmentos cerâmicos, líticos polidos (lâminas de machado, virotes, ‘boleadeiras’ e mãos

tiva onde a pesquisa foi realizada.” Destaca-se que o documento coincide com o ano em que o Ministério Público recomendou que o MHS não recebesse mais endossos. Infere-se que as pesquisas arqueológicas realizadas na Região de Sorocaba tiveram seus materiais levados para outras Instituições de Guarda. Um tema a ser examinado em pesquisas futuras.

12 Diego Lemos Ribeiro (2014) alerta sobre a nomenclatura “arqueologia de contrato”, que pode também ser encontrada como “arqueobusiness, arqueologia preventiva, arqueologia de salvamento, arqueologia empresarial, que, embora guardem as suas particularidades, são variações do mesmo tema, qual seja: pesquisas arqueológicas motivadas pela ameaça de destruição de sítios arqueológicos em projetos desenvolvimentistas” (RIBEIRO, 2014: 83).

13 De acordo com o Glossário que consta na Portaria nº 196, de 18 de maio de 2016, coleção “é uma reunião de bens com a mesma motivação, seja ela a tipologia material, o sítio, o colecionador etc. Ela pode ser institucionalizada ou pertencer a um colecionador. Pode estar fragmentada em diferentes acervos de diferentes instituições”. Para Desvallées e Mairesse (2013) “uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos etc.) que um indivíduo, ou estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada” (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013: 32).

14 Segundo o Glossário que consta na Portaria nº 196, de 18 de maio de 2016, bem arqueológico “é o item de origem arqueológica, móvel ou imóvel, e que se configura como Bem da União”.

15 Doações de bens arqueológicos realizadas por instituições museológicas como o Museu Paulista e o Museu Municipal de Iguape contribuíram com materiais arqueológicos de outras regiões do estado de São Paulo.

de pilão), líticos lascados (pontas de projétil), fragmentos de sambaquis e remanescentes humanos.

Os procedimentos gerais adotados para tratamento dos bens arqueológicos diversos foram subsidiados por procedimentos embasados em bibliografia técnica<sup>16</sup> desenvolvida por instituições como o Conselho Internacional de Museus (ICOM) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além de bibliografia especializada<sup>17</sup> e publicada em revistas<sup>18</sup> de relevância sobre a temática.

Sabe-se que é de vital importância para a proposta em tela a gestão do acervo em estudo, envolvendo várias ações, como a organização e a higienização, por exemplo. Dessa forma, destaca-se que a gestão de acervos compreende o conjunto de procedimentos éticos, legais, teóricos e práticos através dos quais os bens culturais, como as coleções arqueológicas, são formados, organizados, recolhidos, interpretados e preservados (DE VASCONCELOS; ALCÂNTARA, 2017; LADKIN, 2004).

No âmbito da proposta do projeto de salvaguarda, foi primeiramente observado que existiam sérios problemas relacionados ao acervo arqueológico, principalmente no que tange às coleções de procedência regional e doações. Cita-se: a defasagem ou inexistência de seu inventário; a escassez de documentação; a carência de tratamento técnico; a divisão do acervo e dos conjuntos em diferentes locais de guarda; a necessidade de melhor acondicionamento do acervo e a inexistência de mecanismos para controle ambiental.

O primeiro passo para sanar esses problemas foi o levantamento preliminar do acervo arqueológico e a pesquisa na documentação primária da Secretaria da Cultura de Sorocaba e do Museu Histórico Sorocabano, bem como em documentação secundária em periódicos regionais. Buscou-se, dessa forma, maiores informações sobre o acervo (como inventários antigos, fichas catalográficas, listagens de acervo, fotografias e reportagens) para conferência de dados sobre os artefatos e sua procedência, quando possível.

A partir da pesquisa, foi possível identificar a procedência de parte dos bens arqueológicos, principalmente dos achados fortuitos da região. Muitas das informações encontradas na documentação do museu eram limitadas a endereços, locais de referência próximos na cidade, nome da pessoa proprietária das terras e nome da estrada ou rua onde foram encontrados vestígios, por exemplo. No âmbito das reportagens de jornais, em alguns casos existiam imagens dos bens arqueológicos associadas à notícia do achado fortuito ou da doação, as quais puderam ser comparadas aos bens físicos, possibilitando traçar sua procedência (Figura 2). A pesquisa possibilitou, ainda, qualificar a informação sobre alguns bens arqueológicos, os quais passaram a compor as coleções separadas por proveniência, não sendo mais tidos como bens “sem procedência”.

16 Como a Declaração de Princípios de Documentação em Museus e as Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus (2014).

17 Padilha (2014) e Teixeira; Ghizoni (2012).

18 Principalmente a Revista de Arqueologia da Sociedade Brasileira de Arqueologia (SAB), em suas edições sobre Gestão de Acervos Arqueológicos (2022) e Musealização da Arqueologia (2013/2014).

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

Figura 2 – Reportagem (à esquerda) utilizada pela equipe durante as pesquisas de procedência do acervo (à direita). Exemplo da coleção de pontas de projéteis de Porto Feliz - SP (região de Sorocaba)



Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul (25/10/1978) e autores (2023).

Além do cruzamento de dados pertinentes ao exame do acervo e da contagem e separação prévia das peças, essa primeira etapa de diagnóstico foi fundamental para sistematizar informações (ou carência de informações) como: 1- data de entrada no museu, 2- procedência (exemplo: sítio, cidade, doador) e 3- a qual coleção cada bem arqueológico pertencia.

Ainda no levantamento preliminar, observou-se que existiam bens arqueológicos de diversas tipologias acondicionados nas mesmas embalagens, além de materiais diversos sobre os quais não existiam informações. Desta feita, o procedimento foi realizar a separação dos objetos por matéria-prima (Figuras 3 e 4), mantendo, sempre que existissem, quaisquer informações correlacionadas (como bilhetes, folhas de papel anexadas, numeração ou nome em caixas, por exemplo).

Figuras 3 e 4 - A primeira foto mostra a separação de artefatos líticos, cerâmicos, plumagens etc, enquanto a segunda foto apresenta a separação de alguns artefatos/fragmentos cerâmicos.



Fonte: Os autores (2022)



Após essa primeira triagem, realizou-se uma primeira categorização dos artefatos arqueológicos entre líticos, cerâmicos, remanescentes humanos, amostras de sedimentos, entre outros. Assim, respeitou-se as indicações contidas no Anexo VII da Portaria nº 196, de 18 de maio de 2016, que, entre outras indicações, prevê que “os acervos acondicionados em conjunto deverão pertencer à mesma tipologia para evitar quaisquer contaminações”.

Destaca-se que, por tipologia ou classificação tipológica, entende-se o agrupamento de artefatos por suas semelhanças e diferenças, variando “conforme o critério de diferenciação adotado, sendo os mais correntes a função, a forma externa e a composição material” (FUNARI, 1988: 45). Para que essa definição de tipologia estivesse formatada à Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel, utilizou-se a classificação tipológica baseada na matéria-prima, agregando objetos como: cerâmico, lítico, ósseo etc. Respeitando essa classificação, iniciou-se a separação dos bens por tipologia e procedência (Figuras 5 e 6). Na ausência de informações de procedência, foram separados apenas por tipologia.

Figuras 5 e 6 – Separação inicial dos bens arqueológicos por tipologia e procedência.

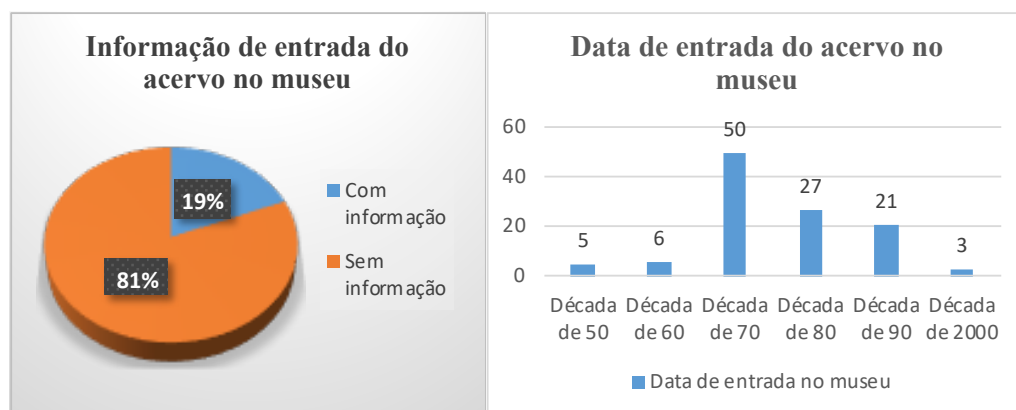


Fonte: Os autores (2022)

Durante essa etapa, notou-se que em 81% dos casos a data de entrada dos bens arqueológicos não foi registrada na documentação institucional. Por outro lado, em 19% dos casos essa informação foi acessível. Assim, verificou-se que a maior parte das entradas de bens arqueológicos na reserva técnica de que se tem registro ocorreu durante a década de 1970 (50 entradas de bem ou conjunto de bens arqueológicos), seguida das décadas de 1980 e 1990, com as entradas de 27 e 21 bens ou conjuntos de bens arqueológicos, respectivamente (Gráficos 1 e 2).

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano: relato de um projeto de salvaguarda

Gráficos 1 e 2 - Informação de entrada do acervo no museu e data de entrada do acervo no museu.

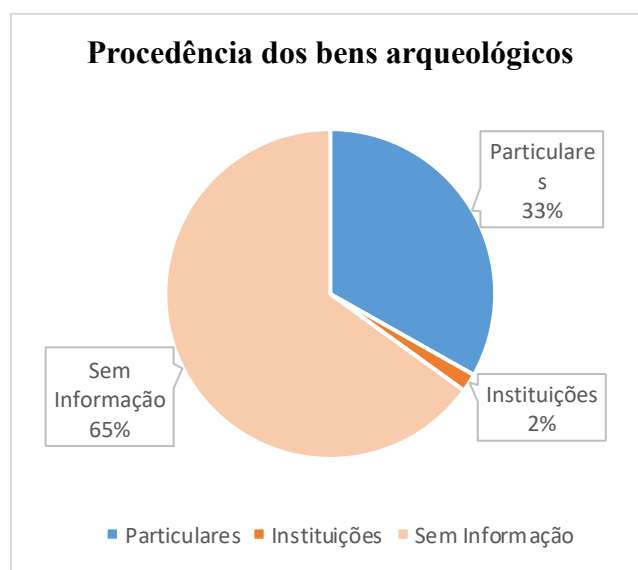


Fonte: Elaborado pelos autores (2022), a partir de dados do MHS

Quanto à procedência do acervo, notou-se que a grande maioria dos bens arqueológicos não possuem essa informação, totalizando 65% desse universo. Já aqueles com informações de procedência mostraram que a maior parte da entrada dos bens foi oriunda de doações de particulares, 33% dos casos da coleção e, em menor quantidade, constam as doações de instituições, com apenas 2% dos casos.

Ressalta-se que além dos particulares (principalmente habitantes da região), algumas das instituições doadoras foram: o antigo Museu Paulista (09 doações, datadas do final da década de 1960) e a Delegacia de Polícia de Sorocaba (01 doação, datada de 1974) (Gráfico 3). Além dessas, observa-se entre os anos de 1970 e 1980 uma troca realizada entre o Museu Municipal de Iguape e o Museu Histórico Sorocabano, a partir da qual fragmentos de sambaqui passaram a fazer parte do acervo do MHS.

Gráfico 3 – Procedência dos bens arqueológicos



Fonte: Elaborado pelos autores (2022), a partir de dados do MHS

Após o levantamento preliminar do acervo, foram realizadas as etapas de conservação preventiva dos bens arqueológicos, tratamento técnico e inventário. Como preconiza o Anexo VIII da Portaria nº 196, de 18 de maio de 2016, os bens arqueológicos foram higienizados antes do armazenamento, utilizando-se de trinchas e pincéis de cerdas macias, evitando o emprego de produtos químicos e de água.

Ressalta-se que, em alguns casos, a higienização foi realizada com pequenas espátulas/colheres de laboratório com o intuito de higienizar, retirar e coletar sedimentos e pequenos remanescentes humanos<sup>19</sup> incrustados em fragmentos cerâmicos como os fundos de vasilhas (urnas funerárias) (Figuras 6 e 7).

Figuras 7 e 8 - Sequência de fotos que ilustram o processo de higienização do acervo, iniciando com a limpeza a seco por meio de pincel com cerda macia, uso de espátula de laboratório para retirada de sedimentos incrustados em fundo de vasilha



Fonte: autores (2022)

Também, em outras situações, foi necessária a higienização úmida dos artefatos (lavagem), principalmente devido às condições contaminantes nas quais encontravam-se, por exemplo, em meio a sujidades e ninhos de roedores. Além desses, também foram realizados procedimentos para remoção de algumas adições espúrias nas cerâmicas (tentativas anteriores de restauros), visando mitigar os processos de degradação, principalmente associados ao emprego de materiais ácidos, como “cola de sapateiro”, cola colorida, tintas diversas, cimentícios, entre outros (Figuras 9 e 10).

Figuras 9 e 10 - Exemplo da remoção de adições e mostra das colas diversas utilizadas



Fonte: autores (2022)

19 O inventário dos remanescentes humanos foi realizado pelo pesquisador Mateus Lopes Teixeira, como parte de sua pesquisa de mestrado, intitulada “Dieta e subsistência entre os produtores de cerâmica Tupi-guarani de Sorocaba e região: uma abordagem bioarqueológica”, em curso no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (MAE-USP), sob orientação do Prof. Dr. André Strauss. O mestrando colaborou com o Projeto “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano” de forma voluntária.

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

Para materiais inorgânicos como os líticos lascados e polidos, a limpeza destes materiais foi realizada, em grande parte, com água, utilizando-se de escovas com cerdas macias, evitando assim a fricção das peças. O processo de lavagem e higienização do acervo possibilitou a retirada dos bens arqueológicos de seus antigos invólucros, facilitando nova triagem deste material.

O próximo passo foi a atualização do inventário que objetivou a numeração e identificação das peças, por meio da elaboração e preenchimento de ficha catalográfica com fotos, contendo: 1- n° de registro, 2- n° de registro antigo, 3- localização (n° da estante e n° da caixa), 4- classe/subclasse (fragmento ou amostra), 5- data de entrada, 6- procedência, 7- coleção, 8- material, 9- denominação, 10- técnica, 11- decoração, 12- descrição, 13- marcas/inscrições, 14- histórico, 15- observações gerais, 16- dimensões e peso, 17- estado de conservação, 18- integridade e 19- n° do registro/arquivo fotográfico.

É importante enfatizar que um dos recursos essenciais para a gestão do acervo, investigação e serviços públicos é a existência de uma documentação precisa e acessível (ROBERTS, 2004). Seguindo essa perspectiva, fora desenvolvida a “Ficha Catalográfica – Cadastro de Bem Arqueológico Móvel” compatibilizando os aspectos arqueológicos e museológicos dos bens em análise. Salienta-se que nesse processo, a criação da ficha foi alicerçada pela Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel (Anexo II da Portaria n° 196, de 18 de maio de 2016), bem como pelo Thesaurus<sup>20</sup> para Acervos Museológicos, de Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini (1987), já utilizado pela instituição museológica para inventário de diversas tipologias de acervo. Também foram consideradas as fichas de inventário já utilizadas na documentação de outras tipologias de acervo do MHS. Dessa forma, para fins de inventário e controle terminológico, foram estipulados os seguintes parâmetros:

---

20 Sobre a incorporação do Thesaurus para Acervos Museológicos na Ficha Catalográfica em tela, é interessante mencionar que a sistematização de informação pode facilitar o controle da atribuição de termos, reduzindo a polissemia de campos abertos e, além disso, possibilitando a análise de documentos em linguagem objetiva para apoio da estratégia de indexação automática e semiautomática. Almejou-se a utilização de uma nomenclatura mais restrita dos objetos, bem como uma classificação sistematizada que pôde garantir uma maior precisão na recuperação das informações (FERREZ; BIANCHINI, 1987 *apud* SIQUEIRA *et. al.*, 2019). Cita-se como principais desafios do diálogo entre os dois métodos de inventário: a carência de dados para preenchimento completo da Ficha de Cadastro de Bem Móvel, tendo em vista a quantidade de lacunas de informações, como procedência e estratigrafia; as formas de contagem para inventário de acervo que, a partir do Thesaurus e da rotina da instituição se deu por “objeto museológico” e não por fragmento, por exemplo. Isso levou a um agrupamento dos fragmentos por objeto, a partir da pesquisa, principalmente dos conjuntos cerâmicos.

Tabela 4 – Identificação alfanumérica utilizada pela equipe técnica para identificação dos materiais arqueológicos

Categoria	Classe	Material
Artefato Arqueológico	AQ-CC	Artefatos cerâmicos
Artefato Arqueológico	AQ-LT	Artefatos líticos
Fragmento Arqueológico	AQ-OS	Fragmento ósseo
Artefato Arqueológico	AQ-VD	Fragmento em vidro
Artefato Arqueológico	AQ-AF	Fragmentos arqueológicos diversos: Porcelana, vidro, metais etc.

**Exemplo: MHS- AQ - CC - 0001 - A**  
MHS: Museu Histórico Sorocabano  
AQ: Artefato ou Fragmento Arqueológico (categoria)  
CC: Artefatos cerâmicos (classe)  
0001: Numeração sequencial para cada objeto (bem arqueológico)  
A, B, C: Letra sequencial para cada fragmento do mesmo objeto (bem arqueológico)

Fonte: Daniella Gomes Moreira (2022<sup>21</sup>), a partir de FERREZ e BIANCHINI (1987).

O inventário registrou, de forma individual, cada item/fragmento ou conjunto de fragmentos que formavam o mesmo objeto, seguindo também as formas de inventário já em uso pela instituição.

Para que isso fosse possível, foi necessária uma triagem dos materiais, visando identificar os conjuntos (Figuras 11 a 14), sendo que cada um deles era composto por fragmentos de um mesmo objeto. Para tanto, tais fragmentos foram alvo de uma “remontagem” dos objetos e análises formais. Parte dos fragmentos não tiveram conjuntos identificados, portanto, foram catalogados individualmente.

Figuras 11 a 14 – Pesquisa de conjuntos cerâmicos



Fonte: autores (2022)

21 Informação fornecida pela museóloga da Prefeitura de Sorocaba Daniella Gomes Moreira em agosto de 2022.

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano: relato de um projeto de salvaguarda

Assim, cada item/fragmento ou conjunto de fragmentos recebe um número que é inserido no primeiro campo da ficha, ao qual são atribuídas as informações supracitadas. Feito isso, as informações e fichas eram planilhadas e indexadas. O modelo da Ficha Catalográfica utilizada nesta etapa pode ser observado nas Figuras 15 a 18:

Figuras 15 a 18 - As quatro folhas que compõem a Ficha Catalográfica de bens arqueológicos móveis elaborada pelas equipes do projeto e do MHS

Ficha Catalográfica - Cadastro de Bem Arqueológico Móvel  
 Projeto: O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO  
 PROAC EDITAIS 20/2021  
 MUSEU HISTÓRICO SOROCABANO - MHS

Nº DE REGISTRO	
MHS	- - - - -
Nº DE REGISTRO ANTIGO:	
LOCALIZAÇÃO	
Nº da estante	Observação:
Nº da caixa	
OBJETO:	
CLASSE: Amostra/Fragmento (16)	SUBCLASSE:
DATA DE ENTRADA:	
PROCEDÊNCIA (SÍTIO/DOADOR)	
COLEÇÃO:	

1/4

MATERIAL			
Litico	Canilo	Arqueofúntico	Construtiva
Cerâmica	Sedimento	Metal	Louça
Osso	Fóssil	Porcelana	Vidro
Outros:			
DENOMINAÇÃO			
Percutor	Núcleo	Vaso pré-colonial	Porcelana
Ferramenta	Cerâmica pré-colonial	Vaso histórico	Malacológico
Lasca	Cerâmica histórica	Faiança	Osseo
Outros:			
TÉCNICA			
Lascado	Perfurado	Taxidêmico	Forjado
Polido	Roleado	Tecido	Indeterminado
Picoteado	Torneado	Assoprado	Outros:
Modelado	Moldado	Fundido	
DECORAÇÃO			
Alisado	Ungulado	Pintado	Esmalte
Brulado	Inciso	Punção	Ausente
Corugado	Impresso	Aplique	Não se aplica
Escovado	Plástico	Engobo	Outros:
DESCRIÇÃO			

2/4

AUTOR/FABRICANTE:	
DATA/ÉPOCA:	
MARCAS/ INSCRIÇÕES:	
HISTÓRICO:	
OBSERVAÇÕES GERAIS:	

3/4

DIMENSÕES (MÍNIMA E MÁXIMA) E PESO					
Altura (cm)	min.	máx.	Espessura (cm)	min.	máx.
Largura (cm)	min.	máx.	Peso (g)		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO					
Bom	Observações:				
Regular					
Ruim					
INTEGRIDADE					
Íntegro	Observações:				
Fragmentado					
Reconstituído					
Não se aplica					
Nº DO REGISTRO/ARQUIVO FOTOGRÁFICO:					
Nome do(a) técnico(a):			Data da ficha:		
Assinatura:					
Nome do(a) digitador(a):			Data da digitalização:		
Termos indexadores:					

4/4

Fonte: Autores (2022) e Museu Histórico Sorocabano (2022)

Com a sistematização dos dados gerados pelo inventário do acervo do MHS, foi possível identificar a natureza dos objetos arqueológicos acondicionados na reserva técnica do museu. Esse avanço na compreensão do acervo corresponde a um “olhar para si” da instituição quanto às expressões materiais e às diferentes formas de humanidade ali depositadas (BRUNO, 2008). A Tabela I mostra os tipos de bens arqueológicos inventariados, a quantidade de itens, de fragmentos e as observações que se fazem necessárias.

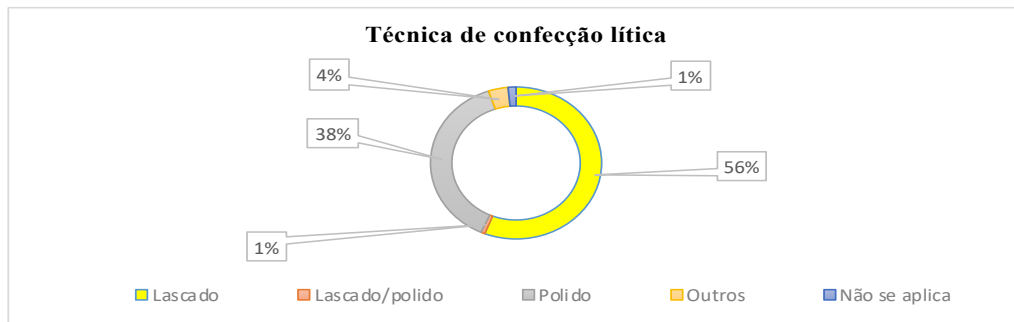
Tabela I – Universo dos bens arqueológicos contidos no acervo do MHS

Bens Arqueológicos	Quantidade de itens (grupos de bens arqueológicos)	Quantidade de fragmentos	Observações
Cerâmicos	449	4.443	
Líticos	134	134	Todos os itens líticos se apresentaram individualizados
Ósseos (remanescentes humanos)	27	2.309	Foram identificados 18 indivíduos até o momento
Diversos	32	53	
Total	642	6.939	

Fonte: autores (2023)

O aprofundamento no universo do acervo arqueológico do MHS possibilitou detalhar dois atributos importantes para a coleção dos líticos, sendo eles: 1- técnica de confecção e 2- tipo do objeto. Para a técnica de confecção, notou-se que os líticos lascados compõem 56% da coleção, enquanto os líticos polidos registram 38% dessa mesma amostra (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Técnica de confecção lítica



Fonte: autores (2023)

Quanto ao tipo dos objetos líticos, observou-se que essa coleção é formada, predominantemente, por pontas de projétil, somando 31% do acervo. As lâminas de machado polidas são o segundo tipo mais popular da coleção, somando 23% dos casos, seguidas do tipo lasca, 8% dos casos, e da mão de pilão, constituindo 6% da coleção lítica (Tabela 2 e Figuras 19 a 22).

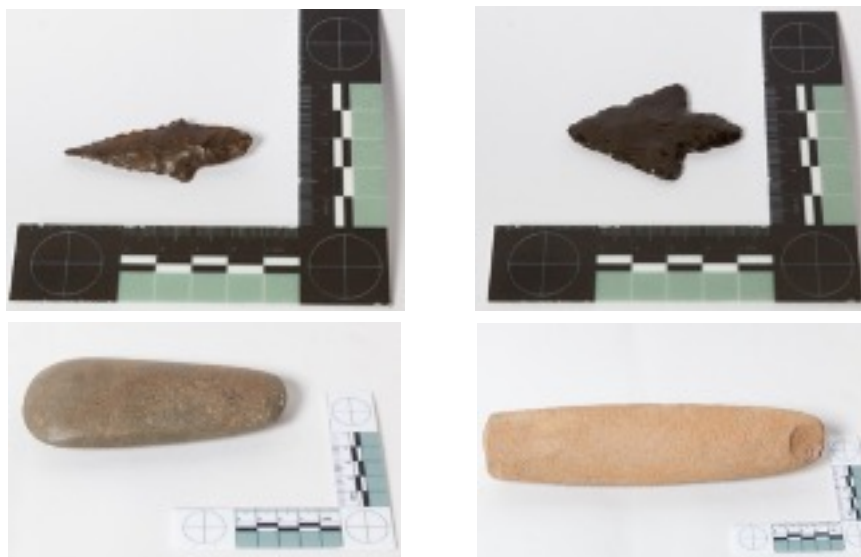
O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

Tabela 2 – Quantidade dos tipos de objetos líticos do MHS

Tipo de Objeto Lítico	Quantidade de Itens	Porcentagem
Boleadeira	3	2%
Detrito de lascamento	7	5%
Fragmento de lítico polido	4	3%
Fragmento de lítico lascado	4	3%
Furador	1	1%
Instrumento lítico lascado	2	1%
Lâmina de machado polida	31	23%
Lasca	11	8%
Mão de pilão	8	6%
Núcleo	7	5%
Percurtor	5	4%
Peso de rede polido	1	1%
Placa natural	1	1%
Ponta de projétil	42	31%
Raspador	1	1%
Seixo bruto	2	1%
Virote	4	3%
<b>Total</b>	<b>134</b>	<b>100%</b>

Fonte: autores (2023)

Figuras 19 a 22 - Tipos de materiais líticos, pontas de projétil (superiores), lâmina de machado polida (inferior esquerdo) e mão de pilão polida (inferior direito).



Fonte: Fernando Rezende (2022)

Para o acervo dos materiais arqueológicos cerâmicos, foram escolhidos, de igual forma, dois atributos para detalhar esse conjunto de bens. Nessa perspectiva, foram sistematizados os atributos relativos a: 1- denominação e 2- de-



coração dos itens cerâmicos<sup>22</sup>. A Tabela 3 mostra que a maior parte do acervo cerâmico é composto por materiais de origem pré-colonial, 81% dos casos, seguidos pelas cerâmicas de origem histórica, 18% dos casos que compõem o acervo.

Tabela 3 – Denominação dos bens arqueológicos cerâmicos

Denominação	Quantidade de Itens	Porcentagens
Cerâmica histórica	81	18%
Cerâmica pré-colonial	362	81%
Cerâmica de contato	02	0,7%
Não identificada	04	0,3%
<b>Total</b>	<b>449</b>	<b>100%</b>

Fonte: autores (2023)

Para o atributo decoração, os resultados obtidos mostraram que a maior parte dos itens apresentaram apenas o alisamento, 39% dos casos, seguido do corrugado, 20% dos casos, do alisado/corrugado e alisado/pintado, 8% dos casos cada, conforme observa-se na Tabela 4 e nas Figuras 22 a 25.

Tabela 4 – Decoração dos bens arqueológicos cerâmicos

Tipo de decoração	Quantidade de Itens	Porcentagem
Alisado	175	39%
Alisado e corrugado	37	8%
Alisado e engobado	05	1%
Alisado e escovado	01	0,25%
Alisado com aplique	03	1%
Alisado, inciso e aplique	01	0,25%
Alisado e unglado	01	0,25%
Alisado com esmalte	04	1%
Alisado e pintado	37	8%
Alisado e inciso	06	1,5%
Aplique e escovado	01	0,25%
Corrugado	90	20%
Engobo	06	1,5%
Escovado	07	1,5%
Esmaltado	02	0,25%
Inciso e escovado	04	1%
Ungulado	04	1%
Não identificado	65	14,25%
<b>Total</b>	<b>449</b>	<b>100%</b>

Fonte: autores (2023)

22 Lembrando que o termo item pode fazer referência a uma peça e/ou fragmento, ou a um conjunto de fragmentos da mesma peça.

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

Figuras 23 a 26 - Vasilha cerâmica pré-colonial com pintura interna bastante preservada (canto superior esquerdo), vasilha cerâmica pós-colonial, com alças, mas resguardando a influência tupi (canto superior direito). Fragmento de cerâmica com decoração incisa externa (canto inferior esquerdo), fragmento de cerâmica com engobo branco e faixas vermelhas pintadas na face interna (canto inferior direito).



Fonte: Fernando Rezende (2022) e autores (2022)

As últimas etapas da organização do acervo abarcaram os seguintes procedimentos: 1- etiquetagem e compilado das informações, 2- acondicionamento das peças e 3- organização final. Assim, o processo organizacional teve como resultado: a impressão de etiquetas; elaboração de planilhas e tabelas para identificação e organização do acervo; higienização das caixas e outras embalagens; elaboração ou adequação de caixas e seus interiores; etiquetagem nas embalagens adequadas; conferências das peças em diversos momentos e guarda das embalagens nas prateleiras e estantes adequadamente identificadas e etiquetadas (Figuras 26 a 28).

Vale salientar que nos casos raros em que existiam informações completas sobre os contextos funerários, os remanescentes humanos foram mantidos contiguamente às cerâmicas (tampas e urnas), apesar de separados em caixas (Figura 29). Uma conduta inspirada na reorganização da Reserva Técnica das coleções arqueológicas do Museu Goeldi, relatada por Lima e Barreto (2020). Salienta-se também que na reorganização do espaço os materiais foram posicionados nas prateleiras a partir de suas informações de procedência (sítio, coleção ou cidade), visando a não separação.

Figuras 27 a 29 - Da esquerda para direita: embalagem de artefatos líticos e embalagem de artefatos cerâmicos



Fonte: autores (2022)

Figura 29 – Acondicionamento de conjuntos funerários

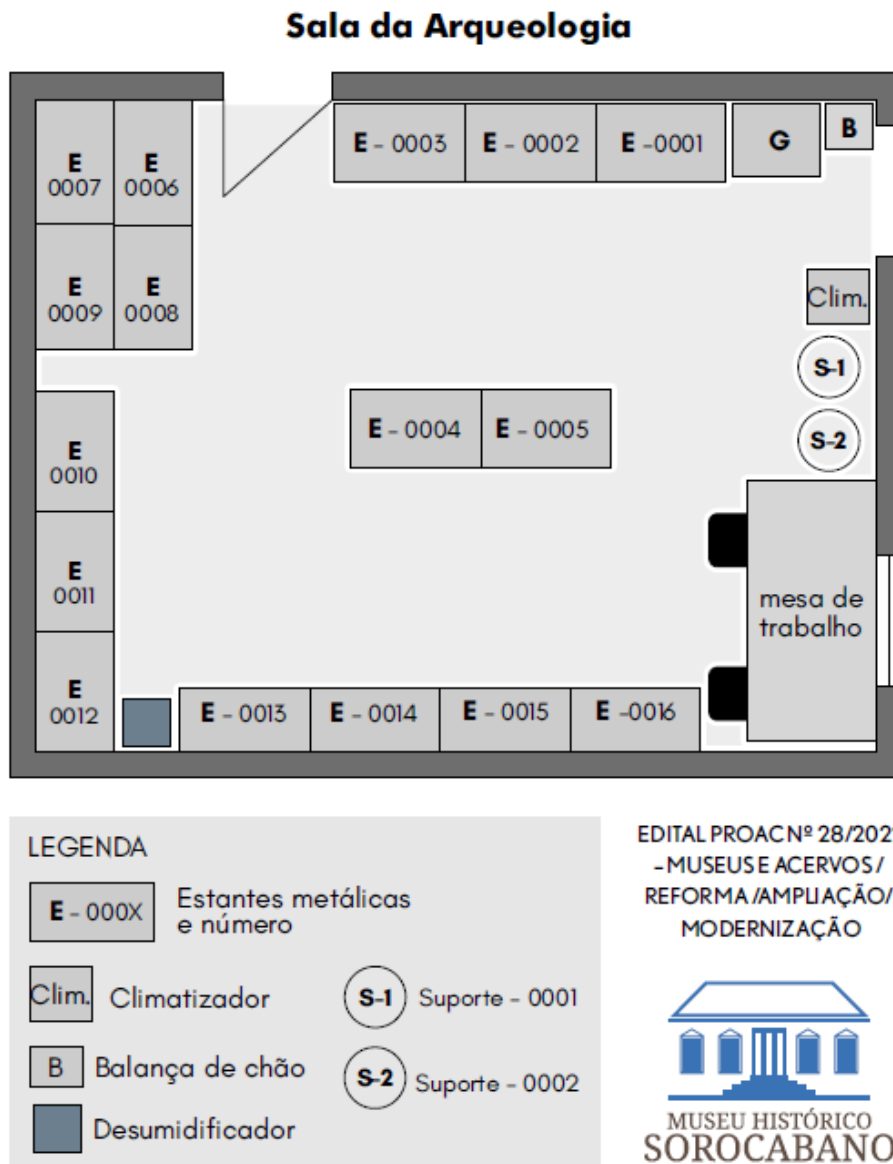


Fonte: autores (2022)

O novo *layout* (Figura 30), proposto para a adequação do espaço de guarda, separou as estantes nas quais estavam os materiais provenientes de endosso e os materiais de procedência regional ou sem procedência (contemplados pelo projeto aqui relatado) (Figuras 31 e 32). Cabe mencionar que as coleções das quais o MHS é endossante não tiveram seus inventários, realizados pelas empresas de arqueologia, compatibilizados com os da instituição – algo que não caberia no projeto em questão, mas que seria recomendável.

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

Figura 31 – Planta da “sala da arqueologia”, na Reserva Técnica dos Museus da Secretaria da Cultura de Sorocaba



Fonte: Maria A. F. Cipriano (2023)

Figuras 32 e 33 – Exemplos de estantes destinadas aos endossos institucionais e aos materiais de proveniência regional



Fonte: autores (2022)

Cumprir mencionar que, além das melhorias do espaço de guarda do acervo arqueológico, foi possível modernizar um antigo laboratório (Figura 33), localizado na Reserva Técnica, possibilitando, nesse caminho, espaço hábil para receber pesquisadores e realizar outras atividades rotineiras, como higienização de acervos diversos.

Figura 34 – Laboratório da Reserva Técnica dos Museus da Secretaria da Cultura de Sorocaba



Fonte: autores (2022).

## Considerações finais

O relato compartilhado neste texto teve como objetivo apresentar um panorama do processo de salvaguarda relacionado aos bens arqueológicos sob guarda do Museu Histórico Sorocabano.

A atualização do inventário, agora disponível em fichas físicas, digitalizadas e digitadas, constitui grande avanço no âmbito da documentação do acervo<sup>23</sup>. Essa ação, cara à gestão de instituições museológicas, é compreendida como parte de uma política de preservação desenvolvida conjuntamente no âmbito do projeto em tela.

No entanto, sabe-se que a salvaguarda cumpre apenas uma parte da complexa cadeia operatória que associa as práticas arqueológicas e museológicas. Não obstante, ela oferece subsídios para a compreensão do universo dos bens arqueológicos, principalmente daqueles que nunca haviam sido tratados – majoritariamente de proveniência regional.

Isso implica pensar nas potencialidades de comunicação desse acervo que, uma vez salvaguardado e, como vimos, redescoberto, pode cumprir uma função social – principalmente associada à “educação para memória” (BRUNO, 2020) relacionada, por exemplo, à ancestralidade dos povos indígenas de Sorocaba e região e à sua cultura material. Cumpre, então, pensar e propor formas para que esse patrimônio possa se aproximar das pessoas e ser (ou não) apropriado por elas, bem como meios para incentivar interlocuções entre esses vestígios e a sociedade.

Nesse sentido, vale mencionar que, no âmbito do projeto “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano”, algumas atividades educativas foram realizadas pela equipe, enquanto contrapartida do projeto, a saber: uma oficina de arqueologia experimental, utilizando argila; uma oficina de “jovem arqueólogo”, realizada em um sítio didático construído pela equipe e uma capacitação para educadores. O relato dessas ações não coube no artigo em questão, constituindo-se como matéria para publicações futuras.

Além disso, ressalta-se que a comunicação dos acervos, principalmente regionais, mas também provenientes de endossos, não foi tópico diretamente abordado pelo projeto em tela, certamente em virtude do tempo disponível para sua execução (um ano). Essa comunicação segue sendo pensada pelos autores que vêm refletindo sobre propostas para concretizá-la – ainda um caminho a ser seguido.

Não obstante, pondera-se que alguns dos bens “redescobertos” ao longo do processo apresentado foram recentemente selecionados para compor a exposição de longa duração do Museu Histórico Sorocabano, um exemplo efetivo da potencial extroversão subsequente aos procedimentos de salvaguarda.

Almeja-se que o relato aqui apresentado fomente o diálogo entre casos similares e sirva de exemplo a outros projetos de salvaguarda de acervos, estimulando também reflexões sobre a socialização desses bens e seu potencial de comunicação, principalmente quando refletidos à luz das possíveis memórias que podem suscitar, as quais espera-se que sejam mais democráticas e menos excludentes.

---

23 Referente ao processo de indexação do inventário que culminou na transferência do conteúdo das fichas para planilhas de fácil acesso, pesquisa e criação de banco de dados com os conteúdos produzidos a partir da organização curatorial.

## Referências

BERNARDO, W. E. Evidencias arqueológicas preliminares en la región de Sorocaba, São Paulo – Brasil. *Textos Antropológicos*. La Paz, n. 8, 1998.

BRASIL. Instrução Normativa nº 001, de 25 de março de 2015. Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/legislacao?pagina=5>. Acesso em 9 out. 2023.

BRASIL. Portaria Iphan nº. 196, de 18 de maio de 2016. Dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos móveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria\\_Iphan\\_196\\_de\\_18\\_de\\_maio\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_Iphan_196_de_18_de_maio_2016.pdf). Acesso em: 9 out. 2023.

BRASIL. Portaria Iphan nº 230, de 17 de dezembro de 2002. Define o escopo das ações a serem desenvolvidas nas fases de licenciamento ambiental. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_n\\_230\\_de\\_17\\_de\\_dezembro\\_de\\_2002.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_230_de_17_de_dezembro_de_2002.pdf). Acesso em: 9 out. 2023.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília: IPHAN/MinC, nº 31. p. 235-247, 2005.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Museus, identidades e patrimônio cultural. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento, [S. l.], n. supl.7, p. 145-151, 2008.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. *Revista de Arqueologia*. [S. l.], v. 26, n. 2, p. 04-15, 2014.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2020a.

BRUNO, M. C. O. Acervos arqueológicos: relevâncias, problemas e desafios desde sempre e para sempre. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, 2020b.

CAMPOS, Luana Cristina da Silva. Sítio Arqueológico. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2018.

O acervo arqueológico no Museu Histórico Sorocabano:  
relato de um projeto de salvaguarda

CAVALHEIRO, C. C. *Tá vendo aquele edifício, moço?* Lugares de memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DE VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett; ALCÂNTARA, Tainã Moura. Com quantas caixas se faz uma reserva técnica? Um relato de experiência sobre a gestão dos acervos arqueológicos no MAE/UFBA. *Revista Arqueologia Pública*. Campinas, SP, v. 11, n. 2 [19], p. 153-165, 2017.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. Volume I. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.

LADKIN, Nicola. Gestão do acervo. In: *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM, p. 17-32, 2004.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. *Revista de Arqueologia*. [S. l.], v. 33, n. 3, p. 43-62, 2020.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Reflexões sobre Musealização: processo informacional e estratégia de preservação. In: *III Seminário Serviços de Informação em Museus*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, v. 1, p. 91-103, 2016.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

PETSCHLIES, E. Fragmentos de história: índios e colonos em Sorocaba (1679 – 1752). *Revista de Estudos Universitários – REU*. Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, p. 279-313, 2012.

POULOT, D. *Museu e museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RIBEIRO, D. L. A *Musealização da Arqueologia: um estudo dos museus de arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville*. *Revista de Arqueologia*. [S. l.], v. 26, n. 2, p. 77-95, 2014.

ROBERTS, Andrew. Inventário e documentação. In: *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM, p. 33-54, 2004.

SIQUEIRA, Joyce; CARMO, Danielle; MARTINS, Dalton Lopes. Tesouros para acervos do patrimônio cultural: panorama e características. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: ANCIB; Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1343>. Acesso em: 9 out. 2023.



TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. *Conservação Preventiva de Acer-  
vos*. Florianópolis: FCC, 2012.

TOLEDO, T. G. Construindo um trabalho sobre Musealização da Arqueologia:  
fronteira, estâncias e museus. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, p. 160–181, 2014.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Dois enquadramentos, um mesmo pro-  
blema: os desafios da relação entre museus, sociedade e patrimônio arqueológi-  
co. *Revista de Arqueologia*. [S. l.], v. 26, n. 2, p. 16-39, 2014.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *Patrimônio arqueológico paulista: propo-  
sições e provocações museológicas*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu  
de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

*Recebido em junho de 2023. Aprovado em setembro de 2023.*